

## Prolegômenos Semióticos ou Metodológicos *Luiz Peel* (Universidade de Tuiuti – PR)

### **Resumo**

Aproximando Aristóteles e Peirce, analisam-se as três modalidades significativas básicas: a predicação (a condição de verdade), a significação (a orientação lógica) e a consignificação (os processos da homonímia, paronímia e sinonímia); encontrando, ainda, a base lógica dos processos de raciocínio (abdução, indução e dedução).

### **Palavras-chave**

Semiótica, Lógica e Comunicação.

Prolegômenos são “as coisas ditas antes”, aquelas que são elementares em relação ao conteúdo com que se vai trabalhar. São como preâmbulos, importantíssimos. Prolegômenos semióticos são, destarte, os processos básicos de elaboração lógica, são o substrato de qualquer ato comunicativo. Entendendo, pois, a relação dos conceitos que compõem o título, compreenderemos o sintagma.

Métodos são caminhos que permitem alcançar os conhecimentos válidos, em outras palavras, são atividades ou processos lógicos que permitem economia, segurança e precisão na aquisição e na comunicação de conhecimentos.

Os princípios do método, os substratos elementares para o ato comunicativo elaborado, foram apresentados por Aristóteles e posteriormente desenvolvidos por Peirce, consistem no primeiro passo para a criação de proposições, no conhecimento de seus três aspectos básicos: os elementos particulares (a definição ou as propriedades), os genéricos e, por último, seus acidentes. Alcançando a percepção precisa desses aspectos do problema, o indivíduo terá igualmente desenvolvido a sua base lógica.

O conhecimento, o saber que contém a ordem lógica, possibilita a compreensão do cosmos, ou do seu arranjo, e, conseqüentemente, necessita de pensamentos ou métodos que se constituam como base para a explicação harmônica dos fenômenos ou para a sua “simples” comunicação.

A lógica aristotélica<sup>1</sup> apresenta três modalidades significativas: a **predicação** (a condição de verdade determinada pela relação substrato/*rhema*), a **significação** (a orientação lógica - espaço-temporal - do enunciado) e a **consignificação** (os processos da homonímia, paronímia e sinonímia). Constituem-se, de fato, em processos sintático-semânticos, pois só adquirem sentido no arranjo comunicacional.

A **predicação**, a primeira dessas modalidades, determina a essencialidade ou accidentalidade dos termos empregados na mensagem, por meio de três processos enunciativos: o princípio lógico ou substrato (*hypokeímenon*), o predicado (*rhema*) e o modo

de pertença (os predicáveis). De fato, toda proposição perceptiva se refere primordialmente a um singular, seu substrato, que reage não só sobre o elocutor, mas também sobre o receptor, sendo que reage de maneira objetiva, pois designa uma essência, ou um acidente particularizado. O predicado - *rhema*, por sua vez, será sempre um dado genérico, se tomado em sua relação primordial com o substrato.

O substrato, se bem compreendido, descarta a noção de estrutura, pois é princípio processual, dinâmico, que pode estar presente ou ausente naquilo do qual é o elemento básico ou o ser responsável pela sua existência. Não poderíamos, em verdade, conceber estruturas descontínuas com princípios ausentes: ou existe uma estrutura completa, ou ela não existe incompleta e produtiva. Encontramos esses princípios tanto em Aristóteles quanto em Peirce: “todos os juízos ordinários contêm um predicado e esse predicado é geral”<sup>2</sup> e “os juízos perceptivos envolvem a generalidade”<sup>3</sup>, sendo que somente em dois casos haveria a ausência do singular, permanecendo, entretanto, a generalidade do predicado, quando o substrato for indesignativo ou hipotético.

O substrato indesignativo ocorre quando um singular não determinado do universo substitui o substrato, ao mesmo tempo em que a verdade continua preservada; o hipotético, quando possibilita qualquer singular que preencha certas condições. O hipotético pode ser exemplificado por qualquer conclusão de raciocínio indutivo, ou por qualquer premissa maior de processo dedutivo; já o indesignativo, por qualquer proposição com substrato indeterminado, em que há falha na designação do sujeito.

Quanto ao modo de pertença, trata-se da relação substrato/rhema, ou, mais precisamente, do modo como o rhema (predicado) pertence a seu substrato: essencialmente, genericamente ou acidentalmente (as três maneiras, segundo Aristóteles e Peirce, de pensar qualquer problema ou proposição).

Partindo dessas considerações e adicionando os estágios de raciocínio (primeiridade, secundidade e terceiridade), de Peirce, chegamos à orientação lógica (espaço-temporal) do enunciado lingüístico, podendo desenvolver as três modalidades significativas relacionadas à **significação**.

Na primeiridade, encontramos a contemplação sem reflexão, ou seja, a presença do *rhema* sem nenhuma relação com algo singularmente real. Não existindo substrato ou dado objetivamente definido, temos a expressão lírica ou mimética, a expressão puramente icônica.

---

<sup>1</sup> A lógica para Aristóteles é instrumento, meio elementar para o estabelecimento da comunicação.

<sup>2</sup> Aristóteles. **Organon**.

<sup>3</sup> Peirce, 3.151.

A ausência do substrato implicará necessariamente a ausência do dado objetivo, e conseqüentemente a pluralidade significativa ou a multiplicidade de sentidos (fato típico do texto literário).

O ícone, sendo o signo da primeiridade, é a qualidade pura, sem conexão com dados objetivos, uma vez que não existe nele o substrato. É *rhema*, ou como afirma Peirce, “qualquer signo que não é verdadeiro nem falso”<sup>4</sup>, pois não entra na composição de proposições perceptivas, somente faz parte do texto expressivo (mítico), seja literário, religioso ou psicanalítico. Podemos chamar essas três modalidades textuais de míticas, baseados na função do mito apresentada por Aristóteles na **Poética**.<sup>5</sup>

No segundo nível, a secundidade, temos o *dicente*, a frase apofântica, calcada na relação substrato/*rhema* descrita acima. Relação que estabelece o bem lógico de Peirce, ou a adaptação do substrato ao seu fim, a descoberta da utilidade do pensar.

Encontramos, no processo sógnico da secundidade, a condição de verdade do enunciado lingüístico, que expressa o modo de pertença do *rhema*, indicando dessa forma a existência real do objeto designado pelo signo. A existência do substrato é dado imprescindível em relação a esse nível, uma vez que temos uma afirmação acerca de algo real.

O substrato é sempre uma referência a um fato, natural ou cultural, podendo ser qualquer uma das categorias de significação (a essência, a quantidade, a qualidade, a relação, o lugar, o tempo, o estado, a hábito, a ação ou a paixão); enquanto que tudo que vier a existir a partir dele será *rhema*, e indicará a ocorrência temporal, ou a existência do processo no tempo e no espaço. A adaptação do sujeito ao objeto ou dado real é que estabelece a condição de verdade ou o modo de pertença.

No terceiro nível temos a argumentação, as relações lógicas complexas ou o discurso retórico. Somente nesse nível é que podemos encontrar as possibilidades hipotéticas que permitirão chegar aos princípios realmente científicos. Relacionando os predicáveis (gênero, próprio e acidente) à terceiridade, encontramos os três tipos básicos de raciocínio: a dedução, a indução e a abdução. Partindo do genérico, teremos a dedução; do próprio, a indução; do acidente, a abdução. Em relação à dedução, o ponto de partida é um estado absoluto, definido por sujeitos não-singulares, que garantem a generalidade à proposição. O raciocínio necessário será sempre diagramático, ou seja, será construído como um ícone do estado de

---

<sup>4</sup> Peirce, 8.337.

<sup>5</sup> O mito é o que organiza a história, é o que dá sentido à narrativa, dado encontrado não só na mimese literária, mas também no discurso religioso, e ainda na tentativa de narração dos processos da alma, que podem ser miméticos – pura imitação da ação humana, líricos – fusão da subjetividade com a objetividade ou meramente informativos, transformando-se nesse último caso em índices, ou seja, em fato da secundidade.

coisas hipotéticas a ser atentamente observado. A dedução, provando que algo deve ser ou existir a partir de um substrato hipotético, será logicamente aceita, em função de uma conclusão particular. Temos, então, o gênero como substrato para uma determinada série de argumentos, e uma proposição genérica que não admite hipóteses, pois somente o sujeito é hipotético, não a premissa, já que se encontra no nível platônico dos axiomas.

A terceiridade, sendo a categoria que relaciona três fenômenos, é a modalidade da mediação, da síntese ou da comunicação propriamente dita. Teremos, destarte, um objeto, um signo e um dado convencional. O processo dedutivo descrito acima, tendo como ponto de partida um axioma, apresenta premissa e conclusão particulares, que apontam para características do objeto por meio de signos convencionados; enquanto que na indução, partindo de substratos e proposições singulares, elaboramos um curso de investigação experimental, cujo questionamento será baseado em suposições, que, sendo corretas, alcançarão o resultado esperado.

Na indução partimos do próprio, buscando a generalização. Há a fixação de uma teoria para posterior observação dos fenômenos, almejando sua concordância com a teoria inicial. Dessa forma, a indução mostra se alguma coisa é realmente operativa, pois somente atingiremos o genérico, se verdadeiramente acontecer o processo lógico completo.

Na outra modalidade, a abdução, existe um processo de formação de hipótese explanatória que tem como ponto de partida o terceiro predicável, o acidente. É a operação lógica que apresenta um idéia nova, pois sugere que algo pode ser, tratando-se de uma introversão. Porém uma introversão de terceiridade, uma vez que é preciso se relaciona com a percepção. Já que o acidente é definido como o que pode ou não pertencer a um ser, o processo abdução se baseará, não em processos axiomáticos ou operativos, mas em algo que, em algum momento, pode pertencer ao ser – uma introversão, que será mais obra do acaso do que de operações lógicas baseadas em verdades ou experiências. Os sentidos elementares do verbo latino *abduco* nos ajudam a entender um pouco mais esse processo, para os romanos significava “afastar”, “tomar a mulher ao marido”, “levar de um trago (sorver rapidamente uma bebida)”, “raptar”. Abdução, forma substantiva do verbo, significa “a ação de pegar no ar”, sem nenhuma relação com os outros processos, isto é, o ponto de partida não pode ser nem o dado particular nem o genérico, mas simplesmente o acaso ou acidente. As inferências serão abdução, quando o universo das qualidades estiver em jogo, isto é, quando não existir no nível do juízo perceptivo sujeitos singulares relacionados com objetos definidos. As

---

associações ocorrerão sempre por semelhança, com a atração das qualidades umas às outras por combinação instintiva. O objetivo da lógica das abduções é o de evitar surpresas, evitar o desapontamento em relação às hipóteses explanatórias.

O terceiro processo, a **consignificação**, acrescenta sentido preciso aos nomes, passando a ser sujeitos ou *rhemas*, pois tudo aquilo que se diz a partir das essências ou é dito sinônima ou homônima ou paronimicamente. São três formas de significar, três modos de consignificar dos quais o homem se serve para elaborar a composicionalidade, uma vez que a identidade e a diferença são designadas dessas modalidades. Em relação à primeira modalidade – homonímia, as coisas são denominadas por um nome (signo) comum, apesar de seus diferentes interpretantes e de seus diferentes objetos ( $signo_1=signo_2$ ;  $interpretante_1 \neq interpretante_2$  e  $objeto_1 \neq objeto_2$ ). Quanto à segunda modalidade, a sinonímia, tem-se a denominação da realidade por meio de signos e interpretantes igualmente comuns. Observa-se em ambas as modalidades que são as coisas que recebem essas denominações, e não os nomes. São os referentes (os objetos) que são chamados de homônimos ou sinônimos, e não os nomes, pois esses passam a ter significação precisa apenas no contexto, não tendo sentido preciso fora do enunciado. A terceira modalidade expressa as diferenças pelo caso, ou seja, a diferença em relação aos signos e interpretantes empregados em função da especificidade da mensagem, da especificidade de cada enunciado; em suma, de cada caso. Ocorre, conseqüentemente, identidade apenas do objeto, com interpretantes e signos distintos. Os objetos serão, pois, parônimos quando a diferença for sígnica e interpretativa, isto é, signos e interpretantes diferentes para o mesmo objeto.

Pode-se compor, em relação à identidade, o seguinte quadro:

Estágios de Raciocínio	Signo	Processo Lógico	Identidade Sígnica	Identidade Objetiva	Identidade Hermenêutica
Primeiridade	Ícone	Homonímia	X		
Secundidade	Índice	Paronímia		X	
Terceiridade	Símbolo	Sinonímia	X		X

Os processos da paronímia e da sinonímia estabelecem, ainda, a condição de verdade entre as frases que significam a definição, o gênero, o próprio ou o acidente, pois sua condição sígnica é garantida graças a denotação do mesmo substrato ou do mesmo rhema, o

que acrescenta similitude em relação à verdade. Enquanto que o outro processo, o da homonímia, elaborando o signo por meio da conotação, não significa essências, mas consigna representações, ou seja, o próprio mito. Conseqüentemente, a homonímia denota identidade apenas nominal ou sígnica; a paronímia, identidade objetiva; e a sinonímia, identidade nominal e hermenêutica.

A derradeira identidade é definida pela similitude de essências, conceito esse que foi confundido e mal traduzido por outros três vocábulos: substância, forma e matéria. A *ousía* aristotélica é a essência, “o ser que é o que é”, conforme o próprio filósofo o define; a substância é a *hypóstasis* grega, ou seja, algo que foi colocado debaixo, portanto secundário em relação a alguma outra coisa; a forma é o *eidós*, a aparência; e a matéria, a *hýle*, o aspecto material. A essência em Aristóteles, apesar da relação com os outros conceitos, possui uma existência independente da forma e da matéria, pois, existindo somente no enunciado lingüístico, é nesse, no dito, que se torna conteúdo positivo, sendo a matéria o mundo objetivo, e a forma, o resultado da materialização natural ou cultural, já que existem as formas naturais ou culturais dos objetos referenciais e as formas culturais dos enunciados semióticos desses mesmos objetos.

Na relação construída pela homonímia, a positividade presente será a da acidentalização, um mesmo signo designando vários conteúdos substancialmente positivos, não se diz essências, pelo fato de se tratarem de ações, processos, qualidades, estados, tomados genericamente ou particularmente. O uso restrito das essências só acontece nos outros dois processos, uma vez que na homonímia, a criatividade pode explodir, possibilitando as múltiplas fantasias, responsáveis pela criação e manutenção dos mitos, que, de acordo com a mimese aristotélica, como já foi dito, são os responsáveis pela organização das ações, pelo significado das histórias.

A capacidade de organizar criativamente o mito, de interpretá-lo e até mesmo de transformá-lo, existe em função do processo da homonímia, que é o responsável pela elaboração, transformação e interpretação da mensagem expressiva ou artística.

Existindo, ainda, a possibilidade de um texto totalmente aberto em relação ao significado, o texto positivamente lírico, no qual a explosão significativa, a existência essencialmente rhemática, seria logicamente possível, sendo essa possibilidade a responsável pela abstração realmente expressiva.

Uma pequena digressão: a capacidade de criação de signos abstratos, presente na infância, reflete principalmente a paixão pela fantasia, pelo mito, e não apenas a dificuldade de coordenação motora. Quando a criança desenha, ou melhor, garatuja suas linhas,

superfícies ou volumes, ela, ao abstrair, está sendo lírica, criando *rhemas* sem sujeitos determinados, pois a sua cosmovisão e a sua capacidade de criar mensagens e de comunicá-las estão começando a se formar, estão, ainda, se processando com liberdade, e assim livres, operam o lirismo. A perda dessa capacidade lógica é responsável pela dificuldade de recepção de mensagens líricas, o que é infelizmente asseverado pela escola, antigo momento de ócio intelectual e atual momento de alienação. Já o processo da paronímia é o responsável pela produção e interpretação de mensagens perceptivas ou informativas, pois estabelece a consignificação por meio da relação entre as frases do discurso, que, tendo o mesmo objeto, apresentam diferenças no tocante ao conteúdo positivo e à denominação. Conseqüentemente, as frases informativas terão a sua condição de verdade assegurada em função da designação do mesmo objeto referencial, designando, dessa forma, as propriedades de cada um dos objetos citados na mensagem. Quanto ao processo da sinonímia, em função da identidade sígnica e interpretativa, serão priorizados procedimentos baseados no predicável do gênero, definindo, por conseguinte, a categoria dos textos científicos, que trabalham com seres determinados e com os seus gêneros, designando-os de forma precisa. Os textos publicitários também são exemplos de sinonímia, pois quando tentamos convencer, precisamos necessariamente de operações que caminhem do genérico ao particular, ou vice-versa (dedução e indução).

Finalizando, relacionemos signo e enunciado. Nos **Analíticos Primeiros**<sup>6</sup>, definindo o signo como uma proposição demonstrativa, necessária ou plausível, Aristóteles indica os processos elementares de sua semântica: a proposição plausível ou verossimilhante é aquela calcada na homonímia; a necessária, na paronímia; e a demonstrativa, na sinonímia. Percebemos, dessa forma, o porquê da introdução das **Categorias** apresentar justamente o processo aqui chamado de consignificação, a sua importância é fundamental na semântica aristotélica ou na semiótica. A lógica de Aristóteles é a base da semiótica de Peirce, podendo ser ambas identificadas como processos básicos de cognição sígnica, que necessitam de um desenvolvimento rápido e preciso, com o objetivo de uma maior racionalidade nos estudos das linguagens.

### Referências Bibliográficas

- ARISTOTELIS. **Categoriae et Liber de Interpretatione**. Oxford: Oxford University Press, 1986.  
ARISTOTELIS. **De Arte Poetica Liber**. Oxford: Oxford University Press, 1982.

---

<sup>6</sup> Aristóteles. **Analíticos Primeiros**, II, 70a.

- ARISTOTELIS. **Topica et Sophistici Elenchi**. Oxford: Oxford University Press, 1958.
- BOUVERESSE, Jacques. **La Parole Malheureuse – de l’alchimie linguistique à la grammaire philosophique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1971.
- CASSIN, Barbara et NARCY, Michel. **La Décision du Sens**. Paris: J. Vrin., 1989.
- CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem**. Lisboa: Guimarães, 1995.
- MEYER, Michel. **Lógica, Linguagem e Argumentação**. Lisboa: Editorial Teorema, s.d.
- NÖTH, Winfried. **A Semiótica no Século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.
- NÖTH, Winfried. **Panorama da Semiótica**. São Paulo: Annablume, 1995.
- PEIRCE, C.S. **Escritos Coligidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- PEIRCE, C.S. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- PEIRCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PELLETIER, Yvan. **Les Attributions (Catégories)**. Montréal -Paris: Bellarmin-Les Belles Lettres, 1983.
- SANTAELLA, Lúcia. **A Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Ática, 1995.
- URBANAS, Alban. **La Notion d’Accident chez Aristote: Logique et Métaphysique**. Montréal -Paris: Bellarmin-Les Belles Lettres, 1988.,

### **Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira**

Bacharel em Arquitetura e Urbanismo (UniSantos). Bacharel em Letras (Universidade de São Paulo). Licenciado em Letras (Universidade de São Paulo). Mestre em Letras (Universidade de São Paulo). Doutor em Letras (Universidade de São Paulo). Professor do Programa de Mestrado em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Professor de Língua Portuguesa e Semiótica do Curso de Comunicação Social da Universidade Tuiuti do Paraná. Professor de Latim do Curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor de Comunicação Empresarial das Faculdades SPEI de Curitiba.